



O mundo dos cegos de José Saramago

Álvaro Cardoso Gomes¹

Resenha de:

TEIXEIRA, Eliane de Alcântara. **O Insólito e a Desumanização em *Ensaio sobre a Cegueira* de José Saramago**. Braga: Vercial, 2014.

Muito se escreveu sobre o escritor José Saramago, sobretudo depois que ele foi agraciado com o prêmio Nobel de Literatura, em 1998. O livro de Eliane de Alcântara Teixeira, *O Insólito e a Desumanização em Ensaio sobre a Cegueira de Saramago*, vem não só acrescentar mais um título à vasta fortuna crítica do escritor português, como também trazer excelentes achegas ao talvez mais perturbador romance do autor de *Memorial do Convento*. Concentrando seu estudo em *Ensaio sobre a Cegueira* (embora não deixe de comentar os demais romances de Saramago) a ensaísta procura detectar como o escritor português mostra criticamente o homem moderno, vivendo em meio ao caos de um mundo que o rechaça e que o condena à solidão, por meio de uma alegoria. As personagens, ao ver de Eliane de Alcântara Teixeira, mais do que tipos individualizados, vivendo uma situação típica, constituem como que figuras simbólicas, arquetípicas, o que serve para dar ao romance um caráter mais universal. Em realidade, elas emblematizam o homem moderno frente a uma situação crítica atípica, que o desafia e que o leva a tomar dois caminhos alternativos: um, o do embate, da luta contra as adversidades; o outro, da passividade, da entrega a forças que não pode controlar e que o condenam à mais abjeta alienação.

Após tratar nas primeiras páginas do boom da Literatura Portuguesa, que ocorreu na década de 80, e da importância de Saramago como um dos grandes renovadores do romance português no período, Eliane de Alcântara Teixeira estuda *Ensaio sobre a Cegueira*, tendo como baliza dois grandes eixos temáticos. O primeiro deles é o do *insólito* e o segundo é o da *desumanização*. Em outras palavras, ela mostra, ao longo de seu ensaio, como o autor se serve de um clima fantástico, perturbador, para ilustrar o

¹ Professor Titular em Literatura Portuguesa da USP, Visiting Professor da University of California, Berkeley, Professor titular do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da UNISA, romancista e ensaísta, autor de, entre outros livros, *A Estética Simbolista*, *A Voz Itinerante: o romance português contemporâneo*.

fenômeno do desenraizamento do sujeito, que, massacrado pelo sistema, perde todos seus referenciais e seus traços de humanidade. Daí vem que o livro comece por analisar criticamente o gênero do fantástico, traçando um painel teórico sobre esse tópico, aliás, bastante controvertido, a se aceitarem ou não as teorias, até certo ponto, redutoras de um Todorov, ou as teorias mais abrangentes de uma Irene Bessièrre, de um José Paulo Paes.

Na sequência, a autora, apoiando-se em Ortega y Gasset, em Anatol Rosenfeld, em Ernst Fischer, envereda pelo tópico do embate entre o homem e o meio social, para tirar daí um retrato bastante amplo de um conflito que leva à aniquilação e à marginalização do sujeito. Como ela demonstra muito bem, neste mundo criado por Saramago, quase todas as pessoas se tornam cegas, graças a uma pandemia, que surge sem explicação plausível, o que tem como consequência a dissolução do todo social. Algumas personagens são tomadas pela demência pura e simples, outras, pela maldade, outras ainda procuram reagir ao inevitável por meio da lucidez. Desse modo, a alegoria e suas figuras arquetípicas, criadas por Saramago, tornam-se um paradigma da realidade atual. No mundo globalizado, os homens são peças de uma grande engrenagem, que, no instante em que começa a falhar, desestrutura-se toda, levando ao caos, à desorganização do sistema social.

Essa reflexão serve para acentuar a ideia explorada pela autora de que *Ensaio sobre a Cegueira*, mais do que uma simples história fantástica, é um poderoso instrumento de combate à alienação humana. Contudo, vale ressaltar que a maneira engenhosa com que Saramago escreve o romance, servindo-se de uma parábola, faz que ele evite o caminho perigoso do proselitismo. Em outras palavras: segundo nos demonstra a Professora Eliane, o romance é antes de tudo um texto capaz de envolver o leitor, desde as primeiras páginas, com a quebra da normalidade por meio da intromissão do absurdo, quando se dá o primeiro sintoma da cegueira. A partir daí, o livro envereda por uma espiral, onde se sobressai a poderosa imaginação de Saramago, que compõe uma trama cheia de inesperado e grande suspense.

Se a qualidade deste livro de Eliane de Alcântara Teixeira como um todo chama logo a atenção, gostaríamos de ressaltar no conjunto a brilhante análise que a autora faz das relações entre a linguagem verbal e a pictórica, presentes em *Ensaio sobre a Cegueira*. Com efeito, é aí que se encontra o sumo deste excelente ensaio, graças à originalidade da abordagem e à capacidade de identificação das telas e pintores referidos ao longo do livro. De fato, Saramago, de maneira paradoxal, num romance em que as personagens são cegas, trata em várias passagens de telas famosas, via de regra,

reconstruídas por meio da paráfrase ou da paródia. Contudo, chama a atenção no ensaio a perspicácia crítica com que a autora trata de uma tela sincrética, criada pelos cegos de Saramago, num determinado momento do romance, quando os cegos conversam entre si. Isolado em sua cegueira e incapaz de dialogar com o mundo, um deles cria uma tela feita dos pedaços de várias telas de épocas diferentes, a maioria de autores consagrados, absolutamente dessemelhantes entre si e que têm como ponto em comum apenas o fato de serem obras pictóricas. Identificando as telas, a partir dos índices fornecidos pelo texto, Eliane de Alcântara Teixeira mostra como Saramago se serve da figura retórica da *ekphrasis* (entendida aqui como uma representação verbal de representações gráficas), para não só descrever objetos de arte plástica, mas também para inserir comentários irônicos a respeito delas. A ironia tem a finalidade de desentranhar um sentido do mundo, mesmo que este mundo redunde num amontoado aparentemente aleatório de peças desirmanadas. Ao ver da autora, a grande tela sincrética é um retrato de uma realidade multifacetada, que se torna ininteligível e, por conseguinte, inapreensível ao olhar humano, provocando a sensação de caos, confusão. Ou seja, a grande e absurda tela seria uma mimese degradada de um mundo em que as partes, como numa tela absurda, organizam-se por coordenação e não por subordinação, ou seja, as partes, sem se remeter a um todo, jamais se coadunam coerentemente.

O Insólito e a Desumanização em Ensaio sobre a Cegueira de José Saramago, ao cabo, tem grandes virtudes. Não só por se debruçar sobre a uma das obras mais instigantes do laureado autor português, mas também por fazê-lo com pertinência crítica. Apoiando-se numa sólida bibliografia, Eliane de Alcântara Teixeira constrói um discurso que prima pela originalidade das ideias e por um método crítico de abordagem que serve à clareza e à elucidação do romance. Sem se deixar encantar pela estéril erudição acadêmica, muito em moda por aí e que, as mais das vezes, leva ao beco sem saída ou ao canto de sereia do discurso vazio, ela faz que o livro tenha como grande propósito aclarar, elucidar os aspectos mais complexos da obra de Saramago. Com isto, presta um grande serviço à crítica e ao ensino, o que não é pouco, em se tratando de um ensaio universitário.